



CADERNO DE VERSOS

Ricardo Serralheiro

BIOGRAFIA

Ricardo Paulo Serralheiro

Nasci em 1944 em Silvares (Fundão), onde frequentei a escola primária e parte da secundária. Terá sido aí que escrevi os primeiros versos. Depois, ao longo da vida, fui escrevendo outros, que nunca publiquei, à exceção de algumas inserções em jornais.

Formei-me em Engenharia Agronómica em 1970, na Universidade de Luanda, e foi essa a minha profissão, em ensino e investigação, primeiro na Universidade de Luanda e depois de 1980 na Universidade de Évora. Esta atividade era outra forma de poesia, ou não tão bela, mas sempre mais impositiva e absorvente.

Família grande: sete irmãos que se amam, cresceram, multiplicaram-se. Da minha parte, duas filhas, dois netos. São muitos poemas.

Desenho da capa de **Inês Serralheiro Silva**

Desenho da capa de **Inês Serralheiro Silva**

Janeiro de 2020

CADERNO DE VERSOS

Ricardo Serralheiro

Este Caderno de Versos é a versão, digital e reorganizada, de um conjunto de poemas (ou sequências de versos feitos com a pretensão de serem poemas) que fui escrevendo ao longo da vida. Eram escritos por impulso ocasional, respondendo à necessidade de transmitir ao papel, em jeito de verso, algum sentimento ou ideia que se me impusesse no momento. Depois, o manuscrito não tinha interesse e era abandonado, muitas vezes perdido. Poucos desses poemas foram escritos com a intenção de serem publicados e nunca escrevi versos a pensar que faria com eles um livro. Geralmente, só tinham interesse para mim, mas nunca tive qualquer relutância em que outros os lessem, se para isso se proporcionasse oportunidade. A minha mulher, Maria do Céu, recolheu e datilografou muitos desses manuscritos, reunindo-os numa pastinha, que constituiu a primeira versão do “caderno dos versos”. Mais recentemente, passei eu próprio a ter o cuidado de datilografar e guardar no computador os escritos, o que me permite juntá-los ao caderno na presente “edição”, que vou disponibilizar para download a quem eventualmente se interesse pela sua leitura. A informática vai permitir-me esta forma fácil de divulgação.

Dividi os poemas em quatro grupos: A) Versos da juventude; B) Versos (do tempo) da guerra; C) Versos de amor e amizade; D) Versos do tempo comum. No primeiro grupo—Versos das certezas e angústias juvenis — estão os poemas dos anos 60 e princípio dos 70, com o autor a assumir o ideal jovem do Humanismo Cristão, expresso com veemência quase militante. A angústia e a tristeza acrescentadas pela participação na guerra colonial refletem-se no grupo “Poemas da guerra e da angústia que ela encerra”. Como “Versos de Amor e Amizade” estão poemas dedicados às pessoas próximas, principalmente as minhas filhas e netos, mas também a minha mulher, irmãs e amigos. São “do Tempo Comum” outros versos, que a inspiração vai ditando, enquanto se vive a vida comum, com ímpetos amadurecidos e por isso suavizados relativamente ao tempo jovem, porém assumindo, agora sem o condimento da fé religiosa, os mesmos valores imutáveis da Fé no Homem, que no tempo comum que ora se vive parecem cada vez mais ignorados e ameaçados.

Graça do Divor, Évora, Janeiro de 2020.

Ricardo Serralheiro

ÍNDICE

Poema	página
Versos das certezas e angústias juvenis	9
Chegou machimbombo	11
Sobe do chão o batuque	14
Segunda feira de amar	15
Rosas vermelhas	16
Credo - homenagem ao meu irmão Paulo	17
Voltas do Mundo	19
Inocência	20
Vamos, companheira (A nossa canção)	21
Mesmo assim	23
Versos da guerra e da tristeza que ela encerra	25
São homens que têm medo	27
Ponto ómega	29
Saudade de viver	30
Desânimo, pois	31
Natureza morta ... de dor	32
Infante de Infantaria	33
Despedida	35
Enquanto as pessoas choram	36
Rosa preta	37

Versos de amor e amizade	39
A minha mãe	41
O meu neto Hugo com quase dez anos	43
O meu neto Hugo com 13 anos	46
A minha neta Inês com 7 anos	48
Inês em Dia de São Martinho na escola	50
A minha neta Inês com 8 anos	52
Inês 9 anos: o carrocel astronómico	53
Rute e as flores no caminho das estrelas	55
Rute e a Lua da Serra da Estrela	56
Rute e a estrela de Roma	57
Rute e o espaço sideral do poema	58
Sara - um manto de Rainha	59
Sara - Cuidar das plantas, amar a Vida	62
Sara - Poema da humildade	63
Sara - Quem tem medo de viver?	65
Céu e o amor septuagenário	66
Guida, Levantou-se a madrugada	69
Guida, Se eu escrever uns versos	71
Tio Casimiro - as rimas populares	73
Na morte do meu amigo Joaquim Miguel	74

Versos do tempo comum	77
O meu querer	79
Vozes de África	81
A palavra e o silêncio	83
A vida das palavras do poema	85
Renovação	86
Décimas com mote em painéis solares	87
Versos para as mulheres (Dia da mulher)	89
Esperança... matemática	91
Meninos de Gaza	93
Alqueva - Homenagem a Manuel da Fonseca	95

Barca do Rio Zêzere	99
Graça do Divor	100
Azinheira da aldeia	101
Over the rainbow	102
Para lá do referendo: Vida de verdade	104
Um átomo de Sódio	106
Um raio de sol	109
Nelson Mandela	112
Um homem grande	114
O afundamento da Nação	115
Natal dos Refugiados	117
Natal em fronteiras da Europa	119
O gato preto	121
Toureiro a cavalo	123
Toureiro forçado	125

Versos das certezas e angústias juvenis

Desde 1967 eu tinha participado em Angola, com outros jovens, na maioria brancos, filhos de colonos mas idealistas, sociais e pacíficos, muitos dos quais haviam de ficar amigos literalmente para a vida, na criação do movimento de raiz cristã "Encontros de Jovens", nome a que mais tarde se acrescentou (e se usa até hoje) a palavra "Shalom". Os anos finais da década de 60 foram o tempo das certezas juvenis de fé no Homem novo, que ia construir o mundo da Paz e dos Direitos do Homem, o Mundo melhor ... Lembre-se: ao mesmo tempo, vivia-se na Europa a euforia jovem que culminou no Maio de 68 em França. Em Angola, mergulhada na guerra colonial, fazíamos campanhas pela Paz, a título místico (o Shalom). O objetivo místico não convenceu nem enganou a PIDE nem as autoridades coloniais, que no entanto não precisavam de exercer repressão sobre jovens brancos, que haviam de se conformar em breve com a incorporação no serviço militar obrigatório. De facto, nós interrogávamo-nos com angústia sobre o futuro próximo, porque a guerra colonial era a realidade monstruosa que se erguia no nosso caminho.

O primeiro poema que apresento, “Chegou machimbombo”, poderá precisar de alguma explicação, para ser facilmente enquadrado por quem não tenha nunca passado pela deprimente experiência de observar o “trabalho contratado” para as roças ou fazendas do Norte de Angola. Foi coisa que me chocou profundamente logo que cheguei a Angola, em 1963, e me calhou ver muitas vezes nas Minas do Saia (Companhia do Manganés de Angola), perto de Dalatando, então Salazar, onde trabalhei um ano como topógrafo antes de ir para a Universidade. Neste caso o “trabalho contratado” era nas minas, mas as condições e procedimentos eram iguais aos dos “contratos” para as fazendas. Eram condições que até a menos atenta observação logo identificava como sequela da escravatura. As “guias” de contratados eram grupos de umas dezenas de homens (só homens), geralmente da etnia Umbundu, “angariados” no Planalto Central, 400km a sul, amontoados num camião de caixa aberta, com bancos de pau, pomposamente designado “machimbombo” (designação angolana para autocarro de passageiros). O machimbombo que trazia uma guia levava outra, cumprido o ano de contrato. Aqueles homens regressavam a casa, nada podia impedi-los de cantar ...

Chegou machimbombo

Chegou machimbombo
Pra levar do contrato
A gente que trabalhou
Ai u é!
Machimbombo chegou.
Chegou outra “guia”
Que vai trabalhar
Onde nós trabalhou
Ai u é!
Machimbombo chegou.
Já vamos nos quimbos
Eles ficam a suar
Onde nós suou
Ai u é!
Machimbombo chegou.
Lá no enfermeiro
Não se importam de ti
Mas vão te apreciar
Ai u é!
Preto para trabalhar!
Machimbombo é camião
Com uns bancos de pau
Nem todos têm lugar
Ai u é!
Precisa se apertar.
Se alguém refila
“Aperta seu cão

Julga que isto é teu?"
Ai u é!
Preto não tem seu.
Chegou machimbombo
Já vai andar
Contrato acabou
Ai u é!
Já vai machimbombo
Já está a andar
Vamos cantar
Ai u é!
Para não pensar.

Minas do Saia, Angola, Agosto de 1969

Sobe do chão o batuque

Sobe na noite o batuque
Fica na noite a pairar
Batuque sobe do chão
E fica suspenso no ar
Fica um momento a soar

Sobe o batuque na noite
Na noite negra e macia
Como a pele da Maria
Que está na cubata a chorar
Que João a vai deixar

João vai no contracto
Deixa Maria ficar
Que o branco que angariou
Não deixa mulher levar
Maria fica a chorar

Sobe do chão o batuque
Vozes cantam a dançar
Outro som fica na noite
A Maria a soluçar
Que não a deixam levar.

Minas do Saia, Angola, Agosto de 1969

Segunda feira de amar

Manhã cinzenta sem sol
Sem cor e sem alegria
Segunda feira cinzenta
Segunda feira, bom dia!
Bom dia sol que se esconde
Com medo de olhar o chão
Bom dia verde da terra
Bom dia homem, irmão.
Cinzento das nuvens, bom dia
Passarinhos a cantar
Menino triste, sorri
Bom dia, é dia de amar!
Sorri a cidade inteira
Sorri a terra e o mar
Manhã cinzenta sem sol
Mas é de um dia de amar.
Fez-se a fraternidade
Os homens deram as mãos
No campo e na cidade
Os homens sentem-se irmãos.
Bom dia, o sol aparece
Já nos dá algum calor
Já não há guerra nem fome
Bom dia, sonho de amor.

Minas do Saia, segunda feira, 11 de Agosto de 1969

Rosas vermelhas

No jardim do meu quintal
Tenho um canteiro de rosas
Que são nos dias de sol
O reino das mariposas

Tenho rosas tão lindas
Vivas, de um vermelho tal
Que há sol em dias de chuva
No jardim do meu quintal

Assim vermelhas de amor
Eu acho-as mais formosas
Vermelhas no meu jardim
Tenho um canteiro de rosas

As rosas do meu jardim
Não têm no mundo igual
Nada iguala a poesia
Que são nos dias de sol

É do vermelho da cor
O encanto das minhas rosas
São lindas, lembram amor
São o reino das mariposas

28.8.1969

Creio

(Homenagem ao meu irmão Paulo, no dia em que faz 21 anos. A prenda é esta afirmação de sintonia nos modos de pensar e de sentir)

Eu creio
Creio em manhãs de sol
E em flores e em verduras
E em águas correndo puras
Eu creio.
Creio que amanhã
Será um dia mais lindo
E as flores se irão abrindo
Oferecendo-se ao Sol.
Eu creio no pó da terra
No voo do vento disperso
Sim
Eu creio
Que o Espírito de Deus
Enche o Universo.
Eu creio
E mais que acreditar
Sei
Que os homens irão fazer
O Mundo muito maior
A vida muito melhor.
Sim
Eu creio

Creio na Justiça e na Paz
Na Compreensão e na Verdade
Em Diálogo, em Fraternidade

Creio
Creio no Homem, na Liberdade
Creio no Mundo, na Unidade.

Sim
Eu creio que Jesus Cristo é o Senhor
Eu creio na Vida
Creio no Amor.

4-9-1969

Nota de publicação

50 anos depois de ter escrito este CREDO para os 21 anos do meu irmão, verifico que os homens não fizeram o Mundo melhor, nem a Fraternidade, nem a Justiça, nem a Paz. Mesmo assim, mantenho este Credo, acreditando na Vida e no Amor. O que certamente precisarei é de outros 50 anos de expectativa, para notar alguma melhoria ... O meu irmão estaria ainda comigo nesta fé.

Voltas do Mundo

O mundo propôs-se dizer-me não
Aquilo que queria ser não sou
E onde eu desejava ir não vou
Vivo em permanente contradição.

Aquilo que queria dar não dou
Poucos aceitam o amor que ofereço
Alguém que me acompanhe não conheço
Sem esperar na vida também não estou.

Preocupa-se o mundo dia a dia
Lua, Futuro, Marte, Economia
A Paz, uns preocupa, outros não

E enquanto houver em guerra um coração
O que eu queria ser não serei
E onde queria ir não irei.

04-09-1969

Inocência

Eu vou dedicar
Esta poesia
A duas meninas
Graciete e Guida
Hoje pequeninas
Tão cheias de vida
Para lerem um dia
E então compreender
O que nela digo.
Haveis de crescer
E então entender
Os versos que digo
E porque é que vivo
Uma vida assim
Tão longe de mim.
Nos vossos olhos
Nas vossas almas
Nessa pureza
Que Deus vos deu
Eu vejo o mundo
Vejo o porvir
Vejo e desejo
Que o mundo seja
Tão puro assim.

26.8.1969

Vamos, Companheira (A nossa canção)

Cantamos a Terra
E o azul dos céus
As flores e o vento
O Homem e Deus.
Cantamos a Paz
O Mundo que amamos
A nossa Liberdade
E a vida que damos

Vamos companheira
De mãos dadas caminhar
Pela vida inteira
Muito temos para andar
Vamos companheira
De mãos dadas
A sorrir
Pela vida inteira
Um Mundo vamos
Construir.

A alma nos olhos
Os pés nos caminhos
Colhendo da terra
Rosas e espinhos
Sempre a aprender
Uma nova lição
Fazendo do Amor
A nossa canção.

Vamos companheira
De mãos dadas caminhar
Pela vida inteira
Muito temos para andar
Vamos companheira
De mãos dadas
A sorrir
Pela vida inteira
Um Mundo vamos
Construir.

18-Março-1971
Canção feita por mim e pela Céu,
para ser cantada pelos convidados no nosso casamento
(com outras cantigas "de luta", que na ocasião se faziam).

Mesmo assim

Traz-me cada madrugada
A angústia de pensar
A hora de trabalhar
De vencer e ser vencido
De saber e de querer
De pedir e procurar
Ser negado e humilhado
Proibido e obrigado.

Custa-me o ser de não
A vida em coisas de nada
As grades nos horizontes
As barreiras entre a gente
As flores murchas da terra
O verde sujo com pó
As fontes e os rios secos
Como gente que não dá.

Mas em cada madrugada
Nasce o sol e a certeza
Da vida vista a valer
Sonho vivo em cada dia.

Huambo, Julho 1971

Versos da guerra e da tristeza que ela encerra

Nunca fui antimilitarista, nem me julgo pacifista. Nunca estive contra a guerra, qualquer guerra, a todo o custo. Admito que haja guerras justas, de defesa. Mas sou, isso sim, pacífico. Sonhei sempre viver em Paz e ser um construtor de Paz, dentro de mim, na família, na sociedade. Quando em 1963 fui juntar-me à família em Angola, já o País estava afundado na guerra colonial, que eu sabia injusta da nossa parte. Também sabia que em Angola não tinha hipótese de me furtar à tropa e à guerra, mas era em Angola que estava a minha família, desde alguns anos antes, e ali eu não tinha quaisquer condições para a deserção. Vivi em grande contradição: português, branco, pertencendo pois à minoria dominante, detestava aquela guerra e não acreditava no futuro colonial. Adiei enquanto estudante, mas fui incorporado na tropa em 1971 e enviado para “zona operacional” em 1972 (zona de Nova Chaves—Cassai, na fronteira com o Catanga, R. Democrática do Congo). Foram longos meses sombrios e sem alegria, mergulhado efetivamente na merda da guerra. Entre umas poucas maneiras que arranjei de tentar manter a alma e a mente com saúde, impuseram-se-me os versos. Vão aqui alguns poemas que trouxe da “zona operacional”. Valerão pouco enquanto poesia, mas são restos de uma jangada de naufrago, a que também me agarrei.

São homens que têm medo
os que ainda mandam no mundo

Minha filha

Não percebes

Porque eu te vou deixar?

Os teus olhos são dois céus

Tão puros como os de deus

E não veem motivo de eu ir

Porque é bom brincarmos os dois

E brinquedos temos aqui

Onde a mãe também está!

Filha, vê estas nuvens

Que começaram a chover:

Estão a chorar pelos homens

Que não têm direito

A céu azul

Como o dos teus olhos

Porque não sabem amar

A vida a terra

E os outros.

Têm medo

De confiar

De dar solidariedade

De viver afinal

E fazem a guerra.

É por isso que eu vou

Minha filha

São homens que têm medo

Os que ainda mandam no mundo

E fazem as guerras.

Comboio para Cassai, 05-11-1972

Ponto ómega

“Vamos companheira
De mãos dadas, caminhar”.
Lembras-te, Céu
Da nossa canção
E do amor com que a fizemos?
Caminhar de mãos dadas
Pelo mundo
Para o mundo ...
Pelo Homem
Pela Paz
Pela criação do Céu
Aquele ponto ómega
Em que já não haverá guerras
Nem ódios
Nem despedidas ...
Vamos companheira
De mãos dadas, continuar.

Cassai, 05-11-1972
(No comboio do CFB, a caminho de Nova Chaves)

Saudade de viver

Eu sei que as tardes caem
A intervalos de vinte e quatro horas
E que em cada manhã se repete
Uma saudade dolorosa.
Sinto a vida que me lança
Pedras duras que magoam
Sinto os erros das pessoas
Decisões impertinentes
Sinto a vida que se vai
Desiludida sucessão de erros
E tardes frias
Cinzentas
Que entorpecem a alma
Manhãs de sol radiosas
Que são uma tristeza ver
Que se afogam no travo amargo
Da saudade de VIVER.

Nova Chaves, 07-11-1972

Desânimo, pois

Meu amor
Eu já não sei onde foi
Que deixei aquela nossa alegria
Que tão meiga e doce
Entre nós sentia
Quando como um éramos os dois.
Não passou uma semana ainda
Parece que um ano se passou.
É que o mundo devagar girou
E a minha saudade é grande
Infinda...
Quando a nossa filha crescer
Havemos de não lhe deixar saber
O que é uma dor assim sentida.
Mas
Ai de nós
Que mesmo de mãos dadas
Não sabemos traçar outras estradas
Que os trilhos
Que nos apresenta a vida.

Nova Chaves, 11-11-1972

Natureza morta ... de dor

Escoam-se mansamente as tardes
Tristemente
Sobre o verde denso
Pleno da vida
Palpitante
Que embora lenta
Hesitante
Talvez com medo ...
Teima em surgir.
De madrugada acordam as flores
Com as pétalas molhadas
De sonhar
Em coisas tristes
Da guerra.
No ar da terra infeliz
Bela
Prenhe de promessas
Mas desiludida
Dos homens a quem se entregou
Sob promessas de vida
Há um sentimento de frustração
Como ante uma obra prima
Que um vândalo mutilou.

Nova Chaves, 11-11-1972

Infante de Infantaria

Quando eu era um cidadão
Meus senhores
Eu tinha responsabilidades
E cumpria
Tão bem quanto podia.
Também lia o jornal
E discutia
Política e Filosofia
E queria gritar a todo o mundo:
Paz! Paz!
Eu sabia lá a paz que tinha
Antes de ter uniforme e armas
E de ser
Infante de Infantaria!
Agora...
Agora não tenho paz nem sossego
Nem consciência
Nem razão

Já não sou um cidadão
Sou um Infante de Infantaria
Tenho armas
Tenho missão
De fazer ódio fazendo dores
E de fingir que julgo certo
Que não há outra maneira
De romper esta barreira
Que separa os contendores.

Nova Chaves, 14-01-1973

Vou sonhar com um poema de amor

Nova Chaves, 15-01-1973

Despedida

Meu amor
Tu foste por entre as nuvens
Num trovão
E a fúria da terra
Bateu no meu peito
Amachucando-me a alma.
Meu grito apagou-se mudo
Impotente
Na minha garganta seca.
A tua imagem permaneceu pura
Nas minhas lágrimas.
A tua voz ainda entoa a melodia
Que respiro
Mas não tenho as tuas mãos nas minhas mãos.

Nova Chaves, 17-01-1973

Enquanto as pessoas choram

Enquanto as pessoas choram
E o Mundo roda devagar
E até para trás
Eu faço um poema
Que diga ao vento e às flores
Às aves e aos animais
Que ainda vão esperar meio século
Até que o Homem desperte
E faça o Mundo girar
Sempre para a frente
Faça a união do Amor
Razão só de existir
De haver o Universo todo
À espera que o homem
Seja Homem.

Nova Chaves, 18-01-1973

Rosa preta

“Senhora,
Quando tiver saudades
Já vai dizer?”
Rosa
Tu não entendes nada
Das coisas de ódio
De separação racial
De desconfiar ou querer mal.
Rosa preta
Mulher boa
Parece-te normal que te amem
Dois brancos que também
Não percebem a razão
Porque o ódio nesta terra
Nos arrasta a uma guerra
E nos traz separação.

Rosa preta

Rosa boa
Toma cuidado de ti
Não te deixes morrer
Não!
Às vezes o mal escolhe
Quem tem bem no coração.

5 Novembro 1972
No comboio do CFB, do Huambo para o Cassai,
na fronteira com o Catanga

Versos de amor e amizade

Incluo nesta secção do meu Caderno de Versos os poemas que dediquei às pessoas mais próximas, sobretudo as minhas filhas e netos. Em especial os aniversários são ocasiões em que as pessoas próximas inspiram versos que, além de bonitos como essas pessoas, podem ser muito úteis, quando não se encontrou inspiração para comprar atempadamente a prenda conveniente ... Com a minha mulher e companheira de sempre partilhei uns versos de amor ridículos, pois ... são versos de amor. Estão também presentes as minhas irmãs e outros amigos, alguns da aldeia em que vivo, a Graça do Divor. Um deles é um “poeta popular”, bom rimador com 92 anos; o outro faleceu há pouco e foi nesse dia que quis homenageá-lo com uns versos.

A minha mãe

Palavra tão grande
Tão doce também
De amor e carinho
É a palavra "Mãe".
Inda pequenino
Não se sabe andar
Porém já se sabe
"Mãe" pronunciar.
Palavra pequena
Dita com paixão
Diz-se com a boca
Vem do coração.
Lá longe a mãezinha
Ama-me também
Eu rezo à noitinha
Pela minha mãe.
Quisera mãezinha
Em vez de rezar
Dizer que te quero
Poder te beijar

Mas já que não posso
Junto a ti estar
Que possam meus versos
Por mim te tocar.
Oito de Dezembro
É dia da mãe
De Nossa Senhora
É dia também.
Ó ventos do Norte
Que ides para além
Beijai com carinho
Pois é a minha mãe.
Levai-lhe um beijo
Cheio de emoção
Que lhe mando eu
Do meu coração.

8-12-1961

Dia da mãe

Hugo, o meu neto, que tem
(quase) dez anos

O meu neto Hugo
É um bom estudante
Aluno brilhante
Na sua cidade
No quarto ano
De Escolaridade!

Até faz exames
Vejam lá!
Para provar que sabe
O que não se sabe se sabe
Ou que só ele sabe
Que sabe
E como sabe.

O meu neto Hugo
É um bom desportista
Um futebolista
Muito corajoso
Que ganha
Ou que perde
Não importa
Não
Pois cada partida
É uma diversão

E tudo na vida
Serve de lição
Que se guarda na alma
Mas fica na palma
Da nossa mão.
O meu neto Hugo
É um nadador
Muito habilidoso
Que ganha de bruços
De croll e de costas.
Os pais já ganharam
Todas as apostas.

Que joga xadrez
Com inteligência
E tem para a Inês
Muita paciência!
E já não tem medo
De nenhum cão
Nem de mostrengos
Ou escuridão.

O meu neto Hugo
É um bom menino!
Lá vai para a vida
Vai
Com seu destino

A aprender
A brincar
A trabalhar
A crescer.
Vai ligeiro
Vai descuidado
Deixa de lado
Preocupação
Pois sabe que fica
Sempre guardado
No meu coração.

Divor, domingo de Páscoa de 2013

Hugo, o meu neto, que faz hoje
13 anos

O leão de Alvalade
Anda muito assustado
Pois soube que em Massamá
Há um desportista afamado

Que em qualquer modalidade
Joga e ganha por igual
Ele é ténis, ele é basquete
Futebol e futessal.

Hugo Chaves é seu nome
A fama se há de criar
Se o Benfica um dia o vir
Logo o há de contratar

Ou então ainda é melhor
Que continue a treinar
E na escola e em casa
Que continue a estudar

Que a vida não é só sonho
Só brincadeira e jogar
É trabalho e é amor
Para receber e para dar

A família que te ama
Quer para ti dia a dia
Ver-te crescer e ser forte
Com saber e alegria.

Para acabar a versalhada
Sem ficar pena nem dó
Vai um beijo e um abraço
Do avô e da avó.

30 de novembro de 2016

A minha neta Inês, que faz
hoje 7 anos

Há uma menina
Que se chama Inês
Faz anos em Março
Que é um lindo mês

É uma princesa
Que sabe cantar
E também, com certeza
Muito bem pintar

Pintar, desenhar
Ler e escrever
E histórias contar
Quando apetecer

Dançar é um sonho
Para esta menina
Que vai ser, suponho
Linda bailarina

Gosta de ir às flores
Fazer um raminho
Para dar à mamã
Com muito carinho

Ai flores ai flores
Do lindo raminho
Tendes tantas cores
E que bom cheirinho

Há fadas bonitas
Que moram nas flores
Vestidas de tules
Com variadas cores

E têm poderes
De pura magia
Voam sobre a gente
De noite e de dia

Entram nas histórias
Cantam uma canção
Nos filmes, nos vídeos
Na televisão

Ó princesa Inês
Conta-me uma história
Em teatro, talvez
Com boa memória

Quando eu for crescida
Também serei fada
Uma grande artista
Muito bem prendada.

18 de Março de 2013
(no 7º aniversário da minha neta Inês)

Inês em Dia de São Martinho
na escola

Há magusto na escola

No dia de São Martinho

Mamã, dá-me uma castanha

E a mamã dá-me um beijinho

No dia de São Martinho

Castanhas vamos comprar

Cantamos umas cantigas

E também vamos brincar

Veio o homem das castanhas

Com seu belo fogareiro

As castanhas são tão boas

E custam pouco dinheiro

Fizemos uma fogueira
Fizemos nela um magusto
Pegou-se-me o fogo às ideias
Apanhei um grande susto

A minha professora
Já comeu duas castanhas
Bebeu água e jeropiga
E anda ali às aranhas

Inês Serralheiro Silva
11/11/2013

Inês, com 8 anos

Três vezes dois seis
Sei uma história de reis
Oito vezes três vinte e quatro
Vou contigo ao teatro
Faço-te um belo retrato
Não ponhas a mão no prato.
Eu já sei a tabuada
Do dois, do três e do cinco
E outras, não custa nada
Aprendo-as enquanto brinco.
Eu já sei ler muito bem
No livro ou nos jornais
Sei do Meio e também
As outras matérias mais
Que se aprendem na escola
Só não sei jogar à bola.
No ballet também já sei
Dançar e rodopiar.

18-03-2014
Dia do 8º aniversário da minha neta Inês.

Inês, 9 anos - o carrocel astro-
nómico

Inês,

Eu vou construir para ti
Um carrocel de estrelas
De planetas e cometas
E outras coisas belas
Com que tu queiras brincar.

Eu vou pô-lo a rodar
Com grande velocidade
No jardim do meu quintal
Perto da azinheira grande
E tu vais poder chamar
Todos os teus amigos
Para também virem brincar
No teu carrocel de estrelas
Vaidosa das coisas belas
Que lhes poderás mostrar
Dos planetas e cometas
Com que poderão jogar.

Sentar-te-ás na cauda
Brilhante de um cometa
Estendendo as mãos para tocar
As luas de um planeta
Ou uma constelação de estrelas
Ou outra das coisas belas
Com que tu queiras brincar.

A vida é coisa bonita
É saber imaginar
É ir crescendo a sonhar
Dia a dia, passo a passo.

**Do avô Ricardo, com um beijo do tama-
nho do universo**

18-março-2015, dia em que a Inês faz 9
anos

Rute e as flores no caminho das estrelas

Triliões de florinhas num campo
Estavam ali
Insuspeitas
A segurar a vida
E, chegado o seu momento,
Explodem a nossa paisagem
Em beleza estonteante
Que nos pasma os olhos e a alma.
Tão importantes que são as flores!

Uma constelação de estrelas de ouro
No fundo preto de uma noite muito limpa.
Um arco íris
A levar as cores para lá da luz,
Ponte mágica
Entre o hoje que queres e o amanhã que sonhas.

Tudo o que é simples e lindo
Tudo
Eu quero tudo o que for bonito
Para enfeitar o caminho da tua vida!

16 Maio de 1999

Dedicada à Rute, a propósito da sua conclusão de curso de Licenciatura

Rute e a Lua da Serra da Estrela

Vinte e nove é quase trinta
Mesmo quase trinta e um
Para chegar ao fim do ano
Não falta dia nenhum
Vai-se o velho, vem o novo
É a Vida a acontecer
Pouco mais de trinta anos
Muita vida para viver
Um sonho azul ou lilás
Uma filha para criar
Talvez outro por fazer
E tanto Amor para amar
Tantos dias de céu limpo
Tanto sol, tanto luar
Tanto projeto em carteira
Tanta luta por travar

Eu quero que nos meus anos
Seja à noite lua cheia
Que alumie a serra toda
Faça a festa em cada aldeia

29-12-2012

(dia dos anos da Rute,
na Serra da Estrela)

Rute e a estrela de Roma

Rute,
Queres uma estrela
Muito bela?
Toma!
Pendura-a no céu
De Roma
E deixa-a lá ficar
A brilhar
A brilhar
E quando voltares para casa
Olharás da tua janela
E dirás ao ver a estrela
Tão bela
Olha, Roma é ali
Por debaixo da minha estrela!

29-dezembro-2017, aniversário da Rute, em Roma

Rute e o espaço sideral do poema

Repara que no dia dos teus anos
Uns te beijam e te dizem parabéns
Todos querem mostrar-te a amizade
E eu faço-te uns versos
Que não valem dois vinténs!

Teríamos de voar para bem longe
Por entre as galáxias do infinito
Num espaço imaginado o mais bonito
Espaço de amor e criação
Onde seríamos livres para criar
O pensamento a poesia uma canção.
Seríamos então quase deuses
Caminhando por caminhos novos
Acabados de fazer entre as estrelas
Saberíamos fazer as coisas belas
Como tu sabes fazer na tua vida
Construindo passo a passo com firmeza
O gesto lindo a doçura sentida
O afago da alma o amor e a beleza.

29 Dezembro 2014
(dia dos anos da Rute)

Sara — Um manto de Rainha

Hoje quero colher flores
Lindas, se as houver
Que sejam tão lindas
Que possa com elas fazer um ramo
Para oferecer a uma rainha
Que deve ter de presente
O que de mais lindo houver.

(Bem
Talvez eu lhe ofereça
Apenas
Este ramalhete de versos floreados
Com só a qualidade de serem
Muito bem intencionados).

Ela faz anos hoje
Quarenta e dois
Esta rainha
Dos corações
Dos que a viram crescer
Terna e bela
Sempre na busca de fazer bem
De dar apoio
Sem ver a quem.

Ela já fez versos
Bonitos que eram
Mas que afinal
Ainda pouco se leram.

Enfermeira
Dedicada e competente
Junto de quem se está doente
Tranquilamente
Confiando nos seus remédios
Mas também principalmente
Na sua atenção
Nas suas qualidades
De coração.

Este retrato
Não fica bem
Se não falarmos dela
Enquanto mãe
Amante e amada
Nisso também
Tão dedicada.
O filho dirá
E não é dito rotundo
Que tem a melhor mãe
do mundo.

E os pais por seu lado
Não tendo flores
Suficientemente belas
Não podendo oferecer-lhe
A Lua ou as estrelas
Nem um manto de rainha
Um domínio, uma ilha...
Rezam baixinho
Como em sonho acordado
Que sorte ter tido esta filha!
Que bom Deus ter-no-la dado!

11.01.2014
Aniversário da Sara

Sara — Cuidar das plantas, amar a Vida

Cortar raminho a raminho
Com amor
Adivinhando em cada botãozinho
Uma flor
Que há de procurar o certo espaço
A luz, o sol, o orvalho das manhãs
O calor
E que há de em março explodir
Nas mil cores de uma Primavera
De alegria.
Andar pelos caminhos da vida
Dia a dia
Descobrimo em cada olhar uma flor
Em cada mão um raminho
Que a vida tem
Um código genético determinante
De magia
Que dará um dia
Em acordando do inverno a primavera
Os frutos do amor
Que se espera.

11-1-2018
(aniversário da minha filha Sara)

Poema da humildade

Sou pequena flor do campo
Perfumada
Mas humilde.
Tão bonita
Mas poucos me notam
Ninguém dá por mim
Ninguém me visita!
Bem
Não é bem assim ...
Às vezes uma abelhita
Às vezes um passarito
Lá vem meter o bico
À procura de uma lagarta
Ou talvez de um piolhito.
Mas
Gente grande
E ajuizada
Ou bem colocada?
Ná!
Não perde o seu tempo
Com tais coisas de nada.

E a florita

Tão bonita!
Um instante se entristece.
Mas não se aborrece
Logo reage
E explode em centenas de sementes:
Para o ano
Haverá aqui
Outras centenas de flores humildes
E este chão vai ficar
Ainda mais bonito!

11-01-2017

Dedicado à Sara no dia dos seus anos

Quem tem medo de Viver?

Qualquer dia

Um dia destes

Quem não souber amar a Vida

A terra

As flores

Os outros

Isto é

Quem tiver medo de Viver

Não mandará no Mundo.

Bem feita!

11-07-1994

Versos feitos para a Sara,

Que nunca teve medo de viver, acabou o curso
e agora vai ser enfermeira.

Céu e o amor septuagenário

Talvez haja nos meus versos

Talvez possa procurar

Alguma ideia inspirada

Alguma coisa bonita

Para te dar.

Mas são tão pobres meus versos

Tão faltos de inspiração

Que não servem para dizer-te

O que quero.

Nem palavras bonitas

Inspiradas

Nem silêncios cheios

De sentidos

À espera de serem

Preenchidos

Nem versos elaborados

Sofisticados

Burilados

De belos significados

Não consigo alinhar

Para te dar.

Bem

O que eu quero é dizer-te

Que te amo!

Ando às voltas com as palavras

Procuro-as que sejam belas

Compondo versos

Estrelas

De um céu perfeito

O poema

Que eu não sei construir

Mas o que eu quero é dizer-te

Simplesmente

Que te amo!

Quero chamar-te companheira

Da vida inteira

Mesmo que pareça ridículo

O que te chamo

Que repita o que sabemos

Há tantos anos.

Vamos rir-nos do ridículo

Vamos rir-nos ainda mais

Deste ridículo maior

Que é um velho

Septuagenário

Que escreve versos de amor

12-outubro-2017

Guida, Levantou-se a madrugada

Não há um manto de neblina
Que tape o caminho claro
Nem há sombra no teu olhar

Agora vale a verdade
Vale a vida verdadeira
Vale viver e sonhar

As manhãs são de domingo
São claras com sol e ouro
E há silêncio e fantasia

Há silêncio a sonhar sonhos
Que a vida não nos negou
E há um sonho em cada dia.

Levantou-se a madrugada
E disse ao Sol que dormia
Vamos andar, companheiro

Vamos fazer alegria
Vestidos de trajes brancos
Que o dia já começou.

Vamos dizer à cidade
Que acorde para cantar
O dia, que já chegou.

03-02-1980

Para a minha irmã Guida, quando fez 15
anos.

Guida, Se eu escrever uns versos

Guida,

Se eu escrever uns versos

Artificialmente coloridos

Com cores garridas

Ou estampados de flores

Por exemplo de margaridas

Ou então com listas de cores

Em arco-íris

Tu gostarás de lê-los?

Expô-los-ás ao sol

E talvez eles brilhem

Em reflexo

Que outro brilho não terão.

Estou para aqui a escrevê-los

A celebrar os teus anos

Queria que fosse um poema

A merecer o teu dia

Sáiram versos enganos

Que não são o que eu queria

Belos

Que não consigo.

Mas há sol e céu azul

Com tanto brilho e beleza

Olha

É toda a natureza

Que vem celebrar contigo.

3-2-2018

(aniversário da minha irmã Guida)

Tio Casimiro e as rimas populares

Bom dia tio Casimiro
Duas rimas a calhar
Oiço, gosto, muito admiro
Seu jeito de nos saudar

Tio Casimiro é poeta
Sem saber ler nem escrever
Apoia-se na bicicleta
Faz versos só de dizer

Uma saudação em rima
É coisa linda de ouvir
Simpatia, muita estima
Ouvintes sempre a sorrir

Pois olhe que num só verso
Pode-se um mundo mostrar
Abrir todo um universo
Todo o sentir e pensar

Graça do Divor, 1-10-2017

Na morte do meu amigo Joaquim Miguel

Caminheiros
Todos somos caminheiros
Joaquim Miguel
Nos caminhos que a vida
Fez para nós.

Andarilhos
Peregrinos
Vamos por esses caminhos
Procurando os horizontes
Sempre mais além de nós
Por planuras e por montes
Caminhando por andar
Enquanto o corpo se cansa
Na utópica esperança
De um contínuo caminhar.

Assim ias companheiro
Falando a este e àquele
No gosto de conversar
Tanto como de caminhar.

Pois
Tanto há que falar
Tanto a dizer e a fazer
Tanto mundo a melhorar
Tanta utopia a salvar.
Até que um dia a vida se cansa.
Então paramos.
Já vencemos os horizontes
Ganhámos o nosso chão.

Graça do Divor,
26 de Outubro de 2019

Versos do tempo comum

O meu querer

O meu querer
O meu sentimento
A minha intenção
O meu pensamento
Não ponho no vento
Não ponho
Não.
O meu viver
Meu contentamento
O meu poema
O meu pensamento
Não ponho em vão
Não ponho
Não.
A minha dor
A minha alegria
O meu sem tino
Minha fantasia
Não cai no vazio
Não deixo
Não.
Meu fito certo
Minha teimosia
Meu papel em branco
Minha utopia

Não vai ser em vão
Não vai ser
Não.

Huambo, 18 Fevereiro 1977

Vozes de África

Vinde inspirar-me

Ó vozes de África!

Ó estrelas da noite tropical!

Sons da floresta africana

Gazelas

Palmeiras

Denso matagal

Vinde inspirar-me!

Cheiro do capim novo depois da chuva

Ouro das praias das ilhas de Luanda

Vermelho sangue dos musseques

Ondas suaves do mar de São Tomé

Ventos secos dos montes de Santiago

Vinde em meu auxílio!

Para que os meus versos se enriqueçam

Dos vermelhos do anoitecer

Nos céus limpos de Bissau

E tenham então a força de dizer

Estou aqui

Vim de novo ver-te

Irmã África

Com prazer!

Abril de 1991

A Palavra e o Silêncio

Fala

Se tiveres a palavra

Forte e justa

Que diga a verdade

Caso contrário

Guarda o silêncio.

Eurípedes o grego

Que muito sabia

Usou o silêncio

Com sabedoria.

Não soltou palavras

Para voarem no vento

A enfeitarem a peça

Sem fundamento.

Não polemizou

Por inútil vaidade

Nem para mostrar

Superioridade.

Disse justiça

Disse verdade

E apontou com clareza

Para a igualdade.

Eu não me aproximo

De um grande poeta

Mas quero falar

Com palavra certa

Que não seja vã

Que seja verdade

Que valha ser dita

E ouvida e lida.

18-5-2017

A vida das palavras do poema

São soltas as palavras do poema
E não se leem as palavras do poema
Chegam-nos como ondas de magia
Entram-nos por todos os sentidos
Como notas da mais bela melodia.
Assim como os acordes musicais
Não lemos as palavras do poema
Retemos-lhes a música o sentido
Como se anjos tocassem sinfonia.
E como os sons da música suave
As palavras dos versos do poema
Entram na nossa alma lentamente
Penetram-nos o ser tão docemente
Tão devagar e tão profundamente
Como a água da chuva que se infiltra
E busca na terra as raízes fundas
Para ser por elas absorvida
E tomar de novo o ciclo da vida.

26-6-2017

Renovação

Ai, a vida que se vai
Ai, o tempo que me foge
Ai, as flores que fenecem
Perdidas tantas belezas
Que há pouco lhes davam graça
Como a juvenis princesas.

Ai, os frutos que engelham
Por lhes ter passado o tempo.
Ai, a música mal soando
Ao ouvido desatento.
Ai, as nuvens que chegaram
Carregadas de cinzento
Tapando o céu e o sol
Soprando o ar com o vento.

Ai, tanto que foi bonito
E agora já o não é
Ai, tanto mundo aflito
Tanta angústia à espera
De outros sóis e outras belezas
E uma nova primavera!

19 Novembro 2014

Décimas ao jeito popular alentejano,
com mote em painéis solares

Em Brinches ao pé de Serpa
É uma nova plantação
Que transforma a luz do Sol
Para energia da nação

Tanto sol no Alentejo
Tanta luz, tanto calor
É preciso dar-lhe valor
É esse o nosso desejo
E a central é um ensejo
Que é uma boa descoberta
Oxalá resulte certa
Fazer eletricidade
No campo, ali numa herdade
Em Brinches, ao pé de Serpa

São milhares de painéis
Como janelas fechadas
Pelo sol atravessadas
Lá deixando o seu calor
Energia com valor
Sem termo de comparação
Numa tão grande extensão
Com tantos painéis solares
Cobrindo tantos hectares
É uma nova plantação

Para a central visitar
Vem gente de todo o lado
E tudo fica admirado
Tudo fica a comentar
A grandeza de admirar
Nesta obra que é de escol
Vem o vizinho espanhol
Observa e fica admirado
Com a central cá deste lado
Que transforma a luz do Sol

Vai dar luz para cidades
Para quem a quiser gastar
E outras fontes poupar
São novas realidades
Que impõem outras verdades
Ninguém vai dizer que não
É por certo boa opção
Que merece o nosso viva
Uma via alternativa
Para energia da nação

Évora, 26 de Maio de 2006
(publicado no Diário do Sul em Maio de 2006, em
homenagem aos poetas populares alentejanos,
numa ocasião em que decorriam em Évora diversas
atividades culturais populares)

Versos para as mulheres (no Dia da Mulher)

Levantou-se a Madrugada
E disse ao Sol, que dormia:
Levanta-te, companheiro
Que já vai nascer o dia
E não é um dia qualquer
É o dia da mulher
Que havemos de celebrar
Com a pompa e a alegria
Que há nos dias de festa.

Vamos vestir-nos de luz
E de trajes muito brancos
De neblinas e arco íris
Com planetas e estrelas
E todas as coisas belas
Que se quiserem juntar
Para o nosso traje enfeitar.
Vamos percorrer o mundo
De oriente a ocidente
Vamos chamar toda a gente
Para também festejar
Que não há humilhações
Terroros, discriminações
Sobre nenhuma mulher.

Já passaram tantos anos
Depois do século vinte e um
Dos problemas que então havia
Agora não há nenhum.

Agora vale a verdade
Nenhuma mulher é traída
Nem trai, nem perde a vida.
Nenhuma é obrigada
A prostituir-se ou fingir.
Nenhuma é violada
Batida ou maltratada.
Nenhuma perdeu o filho
Nem o viu partir para a guerra.
Nenhuma foi mal julgada
Nenhuma foi condenada
Apenas por ser mulher.
Nenhuma sofre de fome
Nem sente fome nos seus.
Já nenhuma é analfabeta
Ignorante e ignorada
Nem vive aterrorizada
Por obscuras convicções.
Já não há cancro da mama
Nem do útero também.

A mulher agora é livre
Determina as condições
Em que trabalha e é mãe
Casa, estuda ou viaja
Igual a seu companheiro
E a seus amigos também.

Levanta-te companheiro
Que há de nascer esse dia!

8 de Março de 2007

Dia da mulher

Esperança... matemática

Faz um poema, irmão
aos campos verdes da chuva
quando cresce a erva nos prados.
Faz uns versos a cantar
a esperança que renasce
no recomeço da vida
inda que saibas que ela
é coisa que pouco dura
delta $t\epsilon$ de intervalo
entre o princípio e o fim
a tender para muito pouco
e a dividir pelo tempo
que aumenta ou diminui
ao ritmo que deus marcou.
Faz um poema, irmão
com os olhos desmesurados
abertos em infinito
multiplicando instantes

de vida infinitesimal
dando sentido e valor
num campo que é bem real
bem mais que zero em amor
a crescer com cada sonho
que na vida se sonhou.

Novembro 2012

Meninos de Gaza

Nos ouvidos o eco
De uma explosão
Apaga a lembrança
De uma canção
Ou história de marinheiros
Que te estavam a contar

Ou viajantes do deserto
Em caravana a passar
Ou de pássaros multicores
Que gostas de imaginar.

Nos ouvidos o eco
Da bomba assassina
Que caiu na escola
Na rua, na esquina.
Nos olhos o medo
Em vez da ternura
Na face a dureza
Em vez da doçura.
Na alma o espanto
Na pele a frieza

No coração o ódio
A crescer, com certeza.
Menino de Gaza
Tu sabes brincar?
Saberás um dia
O que é amar?
Menino da guerra
Que andas a aprender?
As coisas do ódio
Matar ou morrer?
Onde vais menino
Que vida vais ter?
Alguém te pergunta
O que queres ser?

20 Agosto 2014

Depois dos misseis de Israel terem destruído
escolas em Gaza,
Depois do Hezbollah ter lançado mísseis sobre
Israel,
Num ciclo assassino e sem futuro, que todos
percebem,
Mas nenhum quer que o seu ódio seja menos
odioso que o do outro.

Homenagem a Manuel da Fonseca

(Do poema Estradas,
de Manuel da Fonseca
Sobre o Alentejo:

“Não era noite, nem dia
Eram campos, campos, campos
Abertos num sonho quieto.
Eram cabeços redondos
De estevas adormecidas
E barrancos entre encostas
Cheios de azul e silêncio...
Silêncio que se derrama
pela terra escalavrada
e chega no horizonte
suando nuvens de sangue.
Era a hora do poente
Quase noite e quase dia.”)

Alqueva

Em Homenagem a Manuel da Fonseca,
que havia de gostar de ver agora o seu Alentejo
mais verde e esperançoso

Eram campos, campos, campos
cheios de milho e pomares
e olivais entre vinhas
com promessas
de riqueza.

Eram mais verdes São Manços
e Ferreira do Alentejo
até ao Sado.
E na margem esquerda
mais que um desejo
havia um sonho
realizado.
Eram os olhos na campina
de água
derramando-se na lonjura
do grande lago
espelhando o céu
imensidão
entre ilhas de azinho e esteva
de Monsaraz a Mourão
de Juromenha a Alqueva.

Não era noite nem dia
era a hora do poente
calmo, sereno até
quando o Alentejo se senta
na esplanada de um café
olhando as águas do rio
e comentando entre dois copos
os planos de regadio
e que pode agora o Alentejo
construir por sua mão
o papel que nunca teve
de celeiro da nação.

Era a hora do silêncio
chegando no horizonte
nas asas brancas das garças
nos rubros do sol poente
nas orações dos que creem
nos corações desta gente.
Era a esperança da vida
derramando-se na colina
dando à terra outro destino
e outra vida à campina.

R. Serralheiro

9-10-2013

publicado no *Diário do Sul*, em 6 Janeiro 2014

Barca do Rio Zêzere

Empurra a barca o barqueiro
Com sua vara comprida
Vara no fundo do rio
Como se vara na vida

Empurra a barca o barqueiro
Navega para lá e para cá
Leva carga e passageiro
Já não leva, que não há!

Quero ir na barca chata
No Zêzere a navegar
Em cada salgueiro da margem
Ter saudades e chorar

Não há barca que me leve
Por este rio da vida
Não há cais para atracar
Não há porto de saída

24-outubro-2017

Graça do Divor

Décimas ao jeito popular alentejano, com mote nas festas da aldeia

Mote:

**Gosto muito desta aldeia
Que é da Graça do Divor
Que faz festas em Agosto
Que as faz com muito amor**

Ando pelas ruas da Graça
Apenas por caminhar
Mas não deixo de observar
Tudo quanto aqui se passa
Seja sério ou tenha graça
Levo sempre na ideia
Ir colhendo uma mão cheia
Das flores junto aos caminhos
Fazer com elas raminhos
Gosto muito desta aldeia

Tem a escola e a igreja
E tem a Casa do Povo
Tem um restaurante novo
Tem cafés que salvo seja
Fazem a muitos inveja
E se outra coisa for
Que levante algum clamor

Dá-se parte em qualquer dia
Na Junta de Freguesia

Que é da Graça do Divor

Ainda que não chovendo
Nasce aqui água de prata
Do subsolo e não se trata
Esta água que é tão boa
Para a cidade se escoa
No aqueduto aqui posto
Há séculos com muito gosto
O que foi uma grande ideia
Dando valor à aldeia

Que faz festas em Agosto

E as festas são animadas
Já toda a gente conhece
Que é quando já amanhece
Que se para de dançar
De beber ou conversar
Ou outra coisa que for
Tudo aqui tem seu valor
Nesta tão bonita aldeia
Que faz festas de alma cheia

Que as faz com muito amor

Graça do Divor, Agosto de 2017

Azinheira da aldeia

Viver na aldeia
Como a azinheira
Raízes fundas
Tronco forte
Ramos robustos
Que não ardem
Que dão sombra
Que as aves habitam
Azinheira
Que os homens veneram
Por dentro do poema

Viver a aldeia
Dia a dia
Verso a verso
Casa a casa
Toda a gente
Com sorriso
Ou com problema
Viver a aldeia
Como um poema

R. Serralheiro – Agosto 2017

Divagação poética

Over the rainbow

Somewhere

Over the rainbow

As in a magic race

My mind flies

Free

In the open space.

Somewhere

Over the rainbow

Very far and high

Into the skies

My soul is free

My mind flies.

Somewhere

In the open space

A rainbow coloured planet

Heaven in sky

Is my magic place

To dive and fly.

08-06-2007

Para lá do referendo:

Vida de verdade ou de preconceitos

Eu sou pela Vida!

Por certo

Todos os que vão votar no referendo

São pela Vida

Os que votam Sim

E os que votam Não.

Bertolt Brecht diria

“Entre o sim e o não

Não há tanta diferença como isso”!

Pois eu acho que há

Diferenças fundamentais

Enormes

Entre o Sim da tolerância

Da Vida com Liberdade

Com Dignidade da Pessoa Humana

Com direito à Paz

A viver em sociedade justa

E sobretudo

Com direito ao Amor

Individual

Familiar

Social

E o Não que nega tudo
O que não dê dinheiro
Que só vê na vida a biologia
E na sociedade as classes
A ordem e imposições
Conformação da mulher
A obscuras convenções
Velhas regras
Sujeições
O forte lidera o fraco
Preconceitos de “ser bem”.

Para lá do referendo
Eu espero que cada um
Os do Sim e os do Não
Faça a verdade da vida
Em condições materiais
Mas sobretudo
Em tolerância e amor.

08-02-2007

Ricardo Serralheiro

A propósito do referendo à despenalização do aborto

O átomo de Sódio

Eu sonhei num sonho
Que um átomo de Sódio
Do perfil do solo
Vinha sobre mim
Trazendo agarrado
Um pê agá
Muito elevado.

Era tão grande
Esse pê agá
Que mal se olhava
E todo o sonho
O átomo dominava.
Deixava-o lá
Logo se drenava
Nos drenos toupeira
Que para jusante
Vão dar à ribeira.

Para montante
Me quero eu escoar
Os caminhos da vida
Tenho a caminhar
A Felicidade
Para procurar
Que a hei de encontrar!
Que a hei de encontrar!

Évora, 14/02/2007

Os poemas “Um átomo de sódio” e “Um raio de Sol” foram divagações poéticas no âmbito de projetos de investigação científica que o autor conduzia na ocasião, enquanto professor e investigador da Universidade de Évora, nos temas Conservação do Solo e da Água e Agricultura de Regadio. Poderia talvez rezeir-se incompatibilidade entre as linguagens hidráulica e poética. Mas não, convivem perfeitamente. Fazer poesia a propósito da investigação científica foi também uma certa forma de homenagear as equipas de investigação que me apoiavam nesses projetos.

No centro dos objetivos do projeto de conservação do solo e da água estava o desenvolvimento de métodos de manejo de sais em excesso no solo, dos quais o mais temido é o sódio, com elevado pH. Procurava-se retirá-lo do solo, drenando-o “para a ribeira”.

No segundo projeto procurava-se o desenvolvimento de um indicador do estado hídrico da cultura e do solo em função da resposta das folhas (do milho, no caso) à radiação solar, por efeitos que se mediam em fotografias tiradas de satélites ou de aviões (drones).

Um raio de sol

Um raio de sol
Muito infravermelho
Andava a brincar
Nas folhas do milho.

Eu passei ao lado
Sem bem lhe ligar
Fez-me pst ! pst!
Para me chamar
E fez-me o desafio
De o agarrar
Que tinha uma história
Para me contar
Da água na folha
No caule, na raiz
No spa contínuo
Como ora se diz.

Fui buscar sensores
Loggers, terminais
Sondas TDR
E outras que tais

Medidores do sol
Da chuva e do vento
Grande panóplia
De equipamento.
Liguei tudo à net
Às bases de dados
E aos pés de milho
Bem identificados.

Medi de manhã
Medi ao meio-dia
Sempre que o sol
Me o sugeria.
Andei de trator
Andei de avião
Observando tudo
Com muita atenção.
Fiz depois as médias
Das repetições
E tirei seguras
Duas conclusões:
A Natureza
É uma poesia
Dá-se-lhe amor

Responde magia.
Pede-se-lhe a verdade
Não a pode dar
E umas poucas coisas
Pode revelar.
A investigação
Sabe perguntar
Com o coração
Com inteligência
E esperar respostas
Com paciência
E dar atenção
A muitos sinais
E reter quase nada
Ou pouco mais.

19-03-2007

Nelson Mandela

Hoje sou eu que choro
De olhos enxutos
Mas com saudade
Que partiu Madiba
Mandela
Uma parte boa
Da Humanidade
Força e coragem
Determinação
Sabedoria
Do coração.

Olhou o Mundo
Por trás das grades
De uma prisão
Cismou que é tempo
Que o Homem pode
Que o Homem sabe
Que o Homem quer
Dizer Perdão.

Foi pelo caminho
Que conhecia
No coração
Passou pela Paz
Pela Liberdade
Pela Justiça
Pela Igualdade
Disse Amor
Sem fingimento
Com muita coragem
E sentimento.

Libertou o seu Povo
Da servidão
Libertou o Mundo
De uma escuridão
Mostrou o caminho
Da Liberdade
Para que houvesse Paz
Na Humanidade.
E a gente viu
E compreendeu
O Povo o seguiu

E no seu País
Aconteceu
A Paz!
Ficou demonstrado
Que a força do Mundo
Está no coração
Humildemente
Sem medo
Sem preconceitos
Com a Razão
Esclarecida
No entendimento
Da construção
Da Vida.

6/12/2013

O Homem grande

Numa carruagem de metro
Em Viena
Um homem grande
Estava a chorar.
Homem muito grande
Dois metros de altura
E estava a chorar.
Era um pranto
Que se adivinhava de dor
Sentida
Grande aflição
Pena de amor
Desesperação
Desemprego
Ou outro luto no coração.
O homem grande
Tentava esconder
O seu chorar
Virando a cara
Para não se notar
Mas bem se via
Que o homem grande
Estava a chorar.

Ninguém lhe perguntou a razão
Do seu penar.
Talvez o metro não seja sítio
De perguntar

Ou talvez na cidade
Ninguém queira saber
O que faz o outro chorar.
Ou, vamos lá!
Talvez a linguagem da dor
Dispense perguntar.

O que faz falta
O que estará por inventar
É alguma linguagem universal
Da solidariedade
Com que se pratique
Efetivamente
Algum modo universal
De partilhar o sofrimento
Para que ninguém tenha
De chorar
Ou não precise
De chorar sozinho.
Então
Quando soubermos sentir
De outro a dor
De outro o sofrimento
Dentro do próprio coração
Saberemos dar solidariedade
E seremos então Humanidade
Seremos todos
O Homem grande.

Viena, Abril 2013

O afundamento da Nação

Este poema há de ficar ignorado
Parado como um penedo
Inamovível como um padrão.
Talvez sirva para lembrar
Se algum dia alguém o vir
Talvez sirva para marcar
Se alguém o ler
Na memória este tempo desgraçado
De iniquidade
De quem manda ao que sofre
Sofrimento
De quem tira ao que é pobre
O que não tem.
Este poema
Até pode um dia fazer memória
Se memória houver
Desta Pátria em declínio
Acentuado
Onde mandam estranhos mercadores
De obscuras contas ...

Novembro 2012

Natal dos refugiados

Olha irmão

Estão outra vez a fazer muros

De cimento e aço e arame!

Olha irmão

Eles pensam deter a força

De quem se quer libertar!

Tu sabes, irmão

Que eles se enganam

Redondamente!

Tu sabes, irmão

Que a força de quem quer ser livre

É como a força do vento

Ninguém a há de parar.

Eles vão ao longo dos seus muros

A patrulhar

A patrulhar

Com seus cães e suas armas

Com medo de quem é fraco

E mesmo assim há de passar.

Inda que a morte ameace

A cada passo

Inda que os muros sejam

De cimento e aço

Inda que as armas inflijam terror

Inda que não haja amor

Do outro lado do arame

Inda sendo muçulmanos

Eles sabem que há Natal

Que há Natal todos os anos

Que há Natal todos os dias

Quando sem muros

Sem fronteiras

Sem medos e sem barreiras

Os corações dos humanos

Se limpam de ódios

E se livram de terrores.

Ganham então força

Como o vento

E acontece o Natal.

10-10-2015

Natal em fronteiras da Europa

Nas fronteiras da Hungria

Há soldados a patrulhar

A patrulhar

Os muros de cimento e arame

Que lhes mandaram guardar.

Com suas armas de fogo

Mandaram-nos ameaçar

E assustar

E assustar

Os migrantes já cansados

Que ali tentassem passar.

Soldado que andas na frente

Quem te mandaram matar?

Que missão tens tu soldado

Quem queres tu afastar

Quem queres com as tuas armas

Alvejar?

Vais disparar nos meninos

Que fogem das guerras que há

Lá longe no seu lugar?

Ou nos pais desses meninos

Que os querem libertar?

Que Natal terás soldado

Na tua terra cristã

Se odiares nas fronteiras

Como cruel talibã?

Se afastares o que sofre

Quem trarás no coração

Quem terás como teu próximo

Quando for Natal cristão?

10-10-2015

O gato preto

O gato preto

Coitado

Anda pra lá e pra cá

Com passo lento

Preguiçoso.

Dirão que é passo felino

Que anda a caçar

O manhoso!

Direi que o bicho é mais fino

Que o seu passo pequenino

É para energia poupar.

E caçador é

De mais nada

Que tudo o que mexer

Ao alcance de uma patada.

Tem nos genes marcado

O saber acumulado

Dos gatos que o precederam

Que todos eles tiveram

De caçar o que comer.

Mas se alguém lhe oferecer

Comida

Ou um afeto

Uma festa

O gato preto

Fica logo conquistado

Fica preso por afeto

A quem afeto lhe deu.

Mas há gente

Que pouco pensa

E não sente

Mas acha que o gato preto

Pode azarar quem o veja

O que quer que isso seja.

Não o dizem em concreto

Não veem que o gato preto

Ou branco

Ou doutra pelagem qualquer

Felino por Natureza

Amigo do seu amigo

De quem afeto lhe der

Por Natureza também

Melhor que muitos humanos

Gosta de quem lhe faz bem.

11 outubro 2017

Toureiro a cavalo

Altivo

Muito altivo

Montando o seu cavalo

Puro Lusitano

Cavalga o cavaleiro

À roda à roda da arena

Fugindo ao touro bravo.

Com seus punhos de renda

Em sua casaca bordada

Sua cabeleira empoada

Sua prosápia babada

É um senhor cavaleiro

Cavaleiro em cortesias.

No alto da sua montada

Torre móvel fortificada

Como em velhas guerras obtusas

Fosse ele o herói guerreiro

Um quadravô de toureiro

Sem rendas e até sem punhos

E sem casaca bordada.

Leva agora o cavaleiro

O cavaleiro toureiro

Uma caninha na mão

E acena acena a caninha

Em roda em roda do touro

Chamando-lhe a atenção.

Vai o touro à brincadeira

Ou vai à luta descuidado

Que ele é valente

O touro

Em sua força confiado.

Aproveita o cavaleiro

Do alto do seu cavalo

Sua torre em movimento

Atraíça o touro bravo

Fere-o com a ponta da cana

Farpa afiada afinal

Mini-lança disfarçada

Com bandeirinha enrolada

Na caninha de acenar.

Galopa ufano o cavaleiro

Acenando a bandeirinha

Digna loa do seu feito

Duas voltas à arena

Em glória de encher o peito

Sente-se a cavalgar no espaço

Já venceu o touro bravo

Já o picou no cachaço.

Graça do Divor, 1 de Novembro de 2019

Toureiro forçado

De longe no tempo
No fundo da alma
Cultura de um povo
E grande coragem
Jogo de amizade
E grande respeito.
Um touro na arena
Mais que força bruta
É bravura solta
Alegria irrequieta
Também brincadeira
E curiosidade.
Forçados em fila
São o povo a brincar
Chamando o touro
Para um abraço:
Eh toiro eh toiro
Eh toiro lindo.
Será brincadeira
Será amizade
Pela galhardia

Do animal bravo.
Aguentam a marrada
Começa o abraço
Amigos que são
Jogam as forças
Em bom equilíbrio
Num só abraço
Um grande abraço.

Graça do Divor, 3 de Novembro de 2019

